



GeoÁfrica
geoafrica@igeo.ufrj.br



Anais do IIIº Seminário GeoÁfrica – 2025

DINÂMICAS DE CONSUMO NO DISTRITO DE MASSINGA EM MOÇAMBIQUE: IMPACTOS DAS INFLUÊNCIAS REGIONAIS DA ÁFRICA DO SUL NO COMÉRCIO LOCAL

***CONSUMPTION DYNAMICS IN THE MASSINGA DISTRICT IN MOZAMBIQUE:
IMPACTS OF SOUTH AFRICAN REGIONAL INFLUENCES ON LOCAL TRADE***

***DINÁMICA DEL CONSUMO EN EL DISTRITO DE MASSINGA, MOZAMBIQUE:
IMPACTO DE LAS INFLUENCIAS REGIONALES SUDAFRICANAS EN EL COMERCIO
LOCAL***

FRANCISCO BANDA EDUARDO AGOSTINHO CATAUA

Investigador Assistente na Universidade Save - Moçambique

<https://orcid.org/0009-0005-6441-0556>

Email: franciscobanda87@gmail.com

HAGIRA NAIDE GELO MACHUTE

Doutora em Geografia, Faculdade de Ciências da Terra e Ambiente, Universidade Pedagógica de Maputo,

<https://orcid.org/0000-0002-1488-8894>

<http://lattes.cnpq.br/6281365751273611>,

Email: hagiranaidegelo@gmail.com

RESUMO

O distrito de Massinga, em Moçambique, caracteriza-se por intensa deslocação de consumidores para centros externos, sobretudo a África do Sul e a cidade de Maxixe. Esse padrão reflete um contexto de vulnerabilidade económica e fortes influências históricas, culturais e regionais que moldam as práticas de consumo local. O problema central consiste na crescente preferência da população por adquirir bens fora do distrito, fenómeno que compromete a sustentabilidade do comércio interno e reforça a dependência territorial. O estudo teve como objetivo analisar os impactos das influências regionais da África do Sul sobre a dinâmica do comércio local. Para tal, adotou-se uma abordagem qualitativa, recorrendo a entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise de conteúdo. Os resultados indicam que a África do Sul atrai consumidores pela maior diversidade de produtos, preços mais competitivos e infra-estrutura comercial mais desenvolvida. Contudo, a preferência por esses mercados não se explica apenas por razões económicas, estando também associada a trajetórias históricas de migração laboral, redes familiares transfronteiriças e valores simbólicos atribuídos ao “produto do exterior”. Conclui-se que o comércio de Massinga enfrenta pressões económicas e simbólicas simultâneas, exigindo políticas orientadas à redução da dependência externa e ao fortalecimento do consumo e da oferta local.

Palavras-chave: Consumo Territorial. Influências Regionais. Centralidade Comercial. Massinga. Moçambique.

ABSTRACT

The Massinga district in Mozambique is characterized by intense consumer migration to external centers, particularly South Africa and the city of Maxixe. This pattern reflects a context of economic vulnerability and strong historical, cultural, and regional influences that shape local consumption practices. The central problem lies in the growing preference of the population to acquire goods outside the district, a phenomenon that compromises the sustainability of internal trade and reinforces territorial dependence. This study aimed to analyze the impacts of South African regional influences on the dynamics of local trade. To this end, a qualitative approach was adopted, using semi-structured interviews, participant observation, and content analysis. The results indicate that South Africa attracts consumers due to its greater product diversity, more competitive prices, and more developed commercial infrastructure. However, the preference for these markets is not explained solely by economic reasons, but is also associated with historical trajectories of labor migration, cross-border family networks, and symbolic values attributed to "foreign products." It can be concluded that the trade in Massinga faces simultaneous economic and symbolic pressures, requiring policies aimed at reducing external dependence and strengthening local consumption and supply.

Keywords: Territorial Consumption. Regional Influences. Commercial Centrality. Massinga. Mozambique.

RESUMEN

El distrito de Massinga, en Mozambique, se caracteriza por una intensa migración de consumidores hacia centros externos, especialmente Sudáfrica y la ciudad de Maxixe. Este patrón refleja un contexto de vulnerabilidad económica y fuertes influencias históricas, culturales y regionales que configuran las prácticas de consumo locales. El problema central radica en la creciente preferencia de la población por adquirir bienes fuera del distrito, un fenómeno que compromete la sostenibilidad del comercio interno y refuerza la dependencia territorial. Este estudio tuvo como objetivo analizar el impacto de las influencias regionales sudafricanas en la dinámica del comercio local. Para ello, se adoptó un enfoque cualitativo, utilizando entrevistas semiestructuradas, observación participante y análisis de contenido. Los resultados indican que Sudáfrica atrae a los consumidores debido a su mayor diversidad de productos, precios más competitivos e infraestructura comercial más desarrollada. Sin embargo, la preferencia por estos mercados no se explica únicamente por razones económicas, sino que también se asocia con trayectorias históricas de migración laboral, redes familiares transfronterizas y valores simbólicos atribuidos a los "productos extranjeros". Se puede concluir que el comercio en Massinga enfrenta presiones económicas y simbólicas simultáneas, lo que requiere políticas dirigidas a reducir la dependencia externa y fortalecer el consumo y la oferta locales.

Palabras clave: Consumo territorial. Influencias regionales. Centralidad comercial. Massinga. Mozambique.

INTRODUÇÃO

O estudo das dinâmicas de consumo em territórios periféricos exige uma abordagem que considere simultaneamente a configuração histórica do espaço, as relações de poder inscritas nas redes regionais e a persistência de fluxos económicos transfronteiriços que moldam, até hoje, a vida quotidiana das populações. Em Moçambique, o distrito de Massinga constitui um exemplo particularmente expressivo dessa articulação, combinando uma economia local fragilizada, forte dependência de mercados externos e um passado marcado pela migração laboral para a África do Sul, que deixou profundas marcas sociais, culturais e económicas. Com uma população estimada em 228 mil habitantes e uma estrutura económica assente na agricultura familiar de baixa produtividade, Massinga reproduz padrões territoriais descritos por Santos (1996), para quem os lugares não podem ser compreendidos sem considerar os sistemas técnicos e as forças externas que os organizam. Nesse sentido, o consumo local é expressão de uma “racionalidade imposta” que se articula a centros mais dinâmicos, como Maxixe, e a fluxos mais amplos provenientes da África do Sul.

A centralidade de Massinga nos circuitos laborais regionais não decorre da sua posição geográfica, mas do papel que desempenhou no sistema de recrutamento de trabalhadores moçambicanos para as minas sul-africanas ao longo do século XX. A partir de 1901, a Witwatersrand Native Labour Association (WENELA) estabeleceu uma rede de postos de recrutamento que incluía Massinga e outras localidades de Inhambane, tornando a região um dos principais berços de mão-de-obra para o setor mineiro do Witwatersrand (SCHUTTE, 1977; CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS, 1977). Com a fusão da WENELA à NCR, em 1977, formando a TEBA, esses fluxos foram reconfigurados sem perder sua força estruturadora (MUHACHA, 2020). Como mostram estudos de Ferguson (1999) sobre mineiros migrantes na África Austral, a experiência laboral transfronteiriça gerou novas formas de imaginar o futuro, redefinindo aspirações, estilos de vida e padrões de consumo. Em Massinga, não foi diferente: os trabalhadores retornados, conhecidos como Madjonidjonis, tornaram-se agentes difusores de bens, valores e símbolos relacionados à modernidade sul-africana, influenciando expectativas materiais e percepções de qualidade entre as famílias locais.

Essas influências históricas combinam-se com fragilidades estruturais identificadas no Perfil Distrital de Massinga, que aponta baixa diversificação económica, redes comerciais reduzidas, ausência de crédito formal, falhas de abastecimento e o encerramento de 139

estabelecimentos comerciais, frente a apenas 112 em funcionamento (MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO ESTATAL, 2005). Tais limitações condicionam fortemente o comportamento de consumo, estimulando deslocamentos frequentes para Maxixe e para a África do Sul em busca de bens considerados mais diversificados, acessíveis ou de maior qualidade. O território, assim, funciona dentro de uma lógica regional hierarquizada semelhante à descrita por Harvey (1989), em que centros maiores concentram fluxos de capital, enquanto lugares periféricos se especializam em papéis subordinados na rede económica.

Do ponto de vista cultural, a preferência por produtos sul-africanos não se explica apenas por razões económicas, mas por processos simbólicos constituídos ao longo de décadas. Conforme Castells (1996), a circulação global de bens converte-se em circulação de significados, e os objetos consumidos tornam-se marcadores de identidade. Em Massinga, produtos importados representam distinção social e acesso a um mundo moderno que, historicamente, esteve associado à experiência migratória. Como sublinham Haugerud, Stone e Little (1991), o consumo em contextos rurais africanos não pode ser lido como simples satisfação de necessidades materiais, mas como prática social que expressa pertença, status e expectativas de mobilidade.

Diante desse enquadramento, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender como factores históricos e estruturais continuam a produzir padrões de consumo que prejudicam a vitalidade comercial local e reforçam dependências regionais. A relevância da investigação articula-se diretamente a duas agendas internacionais fundamentais: o ODS 8, que convoca os países a promoverem crescimento económico inclusivo, trabalho decente e sustentabilidade nas estratégias de desenvolvimento; e o ODS 12, que destaca a urgência de promover padrões de consumo e produção capazes de fortalecer economias locais, reduzir desperdícios e valorizar circuitos económicos de proximidade. Analisar o caso de Massinga é, portanto, contribuir para o debate sobre como territórios periféricos podem construir economias mais resilientes, capazes de fixar riqueza e reduzir assimetrias regionais históricas.

Com base nesses elementos, o estudo busca responder à seguinte questão orientadora: de que forma os vínculos históricos, culturais e económicos entre Massinga, Maxixe e a África do Sul influenciam as dinâmicas de consumo e a sustentabilidade do comércio local no distrito?

A presente pesquisa tem como objectivo geral analisar as dinâmicas do consumo e seus impactos a partir das influências regionais sobre o comércio local. De forma específica, a pesquisa buscou identificar os processos de formação histórica das ligações transfronteiriças na construção

de uma economia migratória em Massinga; Descrever factores socioeconómicos, simbólicos e culturais que explicam a preferência pelos centros externos (Maxixe e África do Sul); e explicar os impactos da dependência regional e transfronteiriça sobre o comércio local e a sustentabilidade económica de Massinga.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e interpretativa, adequada para analisar o consumo como prática social, económica e territorialmente situada. Essa opção metodológica fundamenta-se na premissa de que o consumo, especialmente em territórios periféricos, não se reduz a transações económicas mensuráveis, mas envolve significados simbólicos, percepções culturais e relações espaciais que exigem análise aprofundada. Como assinalam Creswell (2014) e Minayo (2017), investigações centradas em sentidos, narrativas e práticas quotidianas requerem flexibilidade analítica e sensibilidade epistemológica, sobretudo em contextos marcados pela informalidade e por economias mistas.

O estudo assumiu o formato de estudo de caso, conforme definido por Yin (2015), tomando o distrito de Massinga como unidade empírica principal. A escolha desse território justifica-se por apresentar elevada incidência de práticas comerciais informais, forte dependência de mercados regionais e transfronteiriços e histórico expressivo de mobilidade laboral para a África do Sul—características que permitem explorar de forma densa as relações entre território, cultura e consumo. Embora o estudo se concentre num único distrito, sua análise possui validade analítica por analogia, conforme argumenta Stake (2005), possibilitando interpretações aplicáveis a realidades semelhantes em Moçambique.

O percurso metodológico estruturou-se em três eixos complementares: (i) escuta dos consumidores, visando compreender motivações, preferências e percepções de qualidade; (ii) análise das práticas dos comerciantes, com atenção aos mecanismos de abastecimento, formação de preços, estratégias de concorrência e dificuldades operacionais; e (iii) leitura documental e normativa, incluindo legislação comercial moçambicana, relatórios da administração distrital e documentos oficiais relativos ao comércio local. A integração dessas dimensões assegurou triangulação metodológica e aumentou a robustez interpretativa dos dados obtidos.

Foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas com consumidores, 15 entrevistas com comerciantes, abrangendo setores formal e informal, e 5 entrevistas com representantes

institucionais ligados ao comércio e à administração pública distrital. A seleção dos participantes seguiu critérios de relevância empírica e saturação teórica, incluindo indivíduos com experiência direta e continuada nas práticas de compra ou venda em Massinga. A amostragem foi intencional e não probabilística, método apropriado para estudos qualitativos centrados na profundidade interpretativa (FLICK, 2018).

Os entrevistados tinham idades entre 22 e 65 anos, com predominância feminina entre os consumidores e masculina entre os comerciantes, refletindo a divisão de gênero observada nos mercados locais. A diversidade de ocupações — desde vendedores de banca até proprietários de pequenas lojas formais — contribuiu para captar múltiplas percepções sobre preço, qualidade e prestígio associados ao consumo.

A recolha de dados ocorreu entre Julho e Setembro de 2025, utilizando três técnicas complementares: entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em português e, quando necessário, em *chitsua*, com tradução direta pelo próprio investigador, residente na área e conhecedor das dinâmicas culturais e linguísticas locais. O guião de entrevista incluiu questões referentes às preferências de consumo, percepções de qualidade e preço, origem dos produtos adquiridos, periodicidade das compras, influência das remessas enviadas pelos emigrantes (*Madjonidjonis*) e importância relativa da cidade de Maxixe e da África do Sul como centros abastecedores.

A observação participante decorreu nos mercados de Massinga-Sede e Posto Administrativo de Chicomo, bem como em pontos comerciais formais localizados ao longo da EN1. Essa técnica permitiu registar práticas quotidianas difíceis de captar apenas por entrevistas, como a linguagem corporal associada à negociação, gestos de desconfiança ou valorização de produtos sul-africanos e dinâmicas de interação entre consumidores e vendedores.

A análise documental incidu sobre o Código Comercial de Moçambique (2005), especialmente os artigos relativos ao registo mercantil (art. 16), escrituração comercial (art. 42) e proteção do estabelecimento (art. 69), além de documentos administrativos e relatórios locais relacionados à atividade comercial. A comparação entre o quadro normativo e a realidade empírica revelou discrepâncias significativas entre norma e prática, típicas de economias periféricas.

O material recolhido foi analisado segundo os procedimentos da análise de conteúdo propostos por Bardin (2016), organizados em três etapas: (i) pré-análise, com leitura flutuante do material e identificação de unidades de sentido; (ii) codificação temática, com

categorização das respostas e observações; e (iii) interpretação, articulando os dados às referências teóricas mobilizadas no estudo. As categorias analíticas emergentes, “influência regional”, “prestígio do consumo externo”, “fragilidade institucional”, “dualidade comercial” e “estratégias de sobrevivência”, derivaram de recorrências identificadas nos discursos e práticas observadas.

Dado o caráter qualitativo da investigação e a ausência de estatísticas distritais sistematizadas, utilizaram-se inferências qualitativas-quantitativas (como “maioria”, “metade”, “casos isolados”), recurso metodologicamente aceitável em pesquisas interpretativas quando sustentado por saturação empírica e rigor analítico (CRESWELL, 2014; FLICK, 2018).

A validade interna foi reforçada por triangulação metodológica e por validação cruzada com pares locais, incluindo comerciantes e docentes da Universidade Save, que contribuíram para confrontar e aprimorar interpretações preliminares. A pesquisa seguiu os princípios éticos de consentimento informado, anonimato e confidencialidade. Todas as citações diretas foram associadas a pseudônimos.

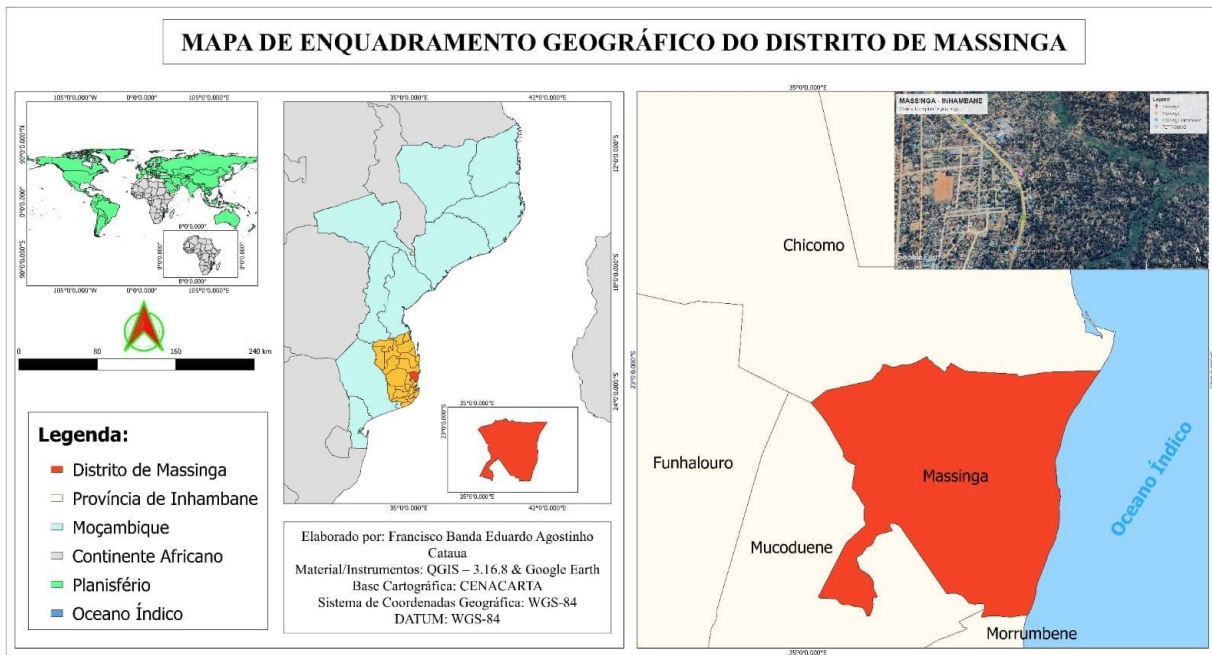
A condição do investigador como residente e consumidor local foi tratada com atenção reflexiva, reconhecendo que essa proximidade constitui simultaneamente uma vantagem, pela compreensão aprofundada do contexto, e um risco, pela possibilidade de sobreposição entre experiência pessoal e interpretação científica. Essa dupla condição foi gerida com distanciamento crítico e constante revisão analítica.

BREVE DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado no distrito de Massinga, situado na faixa centro-norte da província de Inhambane, no sul de Moçambique, abrangendo uma área aproximada de 7.458 km² e delimitando-se a norte com Vilanculos e Inhassoro, a leste com o Oceano Índico, a sul com Morrumbene e a oeste com Funhalouro (Vede figura 1). A sede distrital, elevada a vila em 1974 e transformada em município em 2008, concentra a maior parte das atividades económicas e institucionais, sendo também o principal ponto de convergência dos fluxos de pessoas e mercadorias que atravessam o território. A administração local está organizada em dois postos administrativos, Massinga e Chicomo, que, no conjunto, incluem localidades de expressiva diversidade socioespacial, distribuídas de forma desigual ao longo da Estrada Nacional n.º 1 (EN1), eixo estruturante que conecta o distrito aos principais centros urbanos da província e do país. Segundo dados oficiais distritais, a população estimada ronda os 236 939 habitantes em 2017, valor

que serve de base para as estimativas demográficas e para o planeamento territorial mais recente (INE, 2017).

Figura 1: Mapa de Enquadramento Geográfico do Distrito de Massinga



Fonte: Autor, 2025

A configuração física do distrito caracteriza-se por clima tropical húmido e seco, estação chuvosa curta e concentração das precipitações entre Novembro e Março, condições que influenciam diretamente a produtividade agrícola e a segurança alimentar. A porção costeira apresenta extensos cordões de dunas, solos arenosos e vegetação xerófila, enquanto o interior possui savanas e solos menos férteis, tornando a agricultura vulnerável a secas e erosão. A limitada diversificação económica, combinada com infraestrutura insuficiente, tanto no setor de transportes quanto nos sistemas de abastecimento, condiciona a dinâmica comercial, elevando os custos logísticos e dificultando o funcionamento contínuo dos estabelecimentos locais. O comércio em Massinga é marcado pela presença de mercados locais (feiras semanais e venda ambulante) e por redes de intermediários que ligam produtores a centros mais desenvolvidos (Maxixe, Maputo, RSA), o que cria dependência de transportadores e atravessadores mas também oportunidades de rendimentos para pequenos comerciantes. A existência da estrada N1 e de vias regionais facilita o escoamento sazonado, mas a infra-estrutura rodoviária e de serviços ainda condiciona a regularidade e a rentabilidade do comércio (Perfil distrital de Massinga, 2024).

Quanto à indústria, na vila municipal da Massinga predominam microempresas de processamento primário, com destaque de oficinas de serviços ligados a agricultura e transporte, como também panificadoras. Grandes investimentos industriais formais são escassos, pelo que a criação de valor agregado local permanece um desafio estrutural e uma oportunidade de política pública (Perfil distrital de Massinga, 2024).

A posição geográfica de Massinga, embora não fronteira com a África do Sul, está historicamente integrada aos circuitos migratórios e comerciais transfronteiriços marcados pelo recrutamento de mão de obra para as minas sul-africanas durante grande parte do século XX. O distrito fez parte da rede de atuação da *WitwatersrandNative Labour Association (WENELA)*, organização criada em 1901 e que deteve o monopólio do recrutamento em Moçambique até 1965. Posteriormente, a *TEBA (TheEmploymentBureauofAfrica)*, resultante da fusão entre WENELA e NCR em 1977, reorganizou esses fluxos sem enfraquecer os vínculos estabelecidos entre as comunidades locais e a economia sul-africana. Esse processo configurou uma migração circular profundamente enraizada no imaginário social e nas práticas económicas, dando origem aos conhecidos *Madjonidjonis*, migrantes que regressam sazonalmente trazendo bens de consumo, recursos financeiros e símbolos de modernidade associados à vida do outro lado da fronteira. Ao longo de décadas, a circulação de pessoas e mercadorias consolidou relações económicas, culturais e simbólicas que permanecem ativas e visíveis nas preferências de consumo da população.

Simultaneamente, a cidade de Maxixe funciona como o principal centro regional de abastecimento, oferecendo maior diversidade de bens e melhor infraestrutura comercial quando comparada ao mercado interno de Massinga. A proximidade geográfica, cerca de 70 km, facilita deslocamentos frequentes, reforçando a dependência regional e contribuindo para o esvaziamento económico local. Assim, Massinga encontra-se inserida numa estrutura de dupla dependência: por um lado, subordinada ao centro regional de Maxixe, que assegura abastecimento cotidiano de bens alimentares e domésticos; por outro, profundamente vinculada à África do Sul, que permanece como referência de prestígio, qualidade e modernidade, influenciando práticas de consumo e concepções culturais de valor.

Massinga apresenta uma configuração territorial marcada pela interação entre fragilidades estruturais internas, heranças históricas vinculadas à migração laboral e fluxos comerciais regionais e transnacionais que moldam a dinâmica de consumo. O distrito constitui um espaço emblemático para compreender como processos históricos, desigualdades espaciais e redes de mobilidade se

articulam para produzir padrões de consumo e formas de dependência económica que, ainda hoje, estruturam a vida quotidiana das famílias e a sustentabilidade do comércio local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos objectivos específicos, em seguida temos a apresentação dos resultados e e sua discussão subdivididos em três principais subtítulos.

A formação histórica das ligações transfronteiriças: WENELA, TEBA e a construção de uma economia migratória em Massinga

Os resultados obtidos evidenciam que a estrutura atual do consumo em Massinga não pode ser compreendida sem considerar o papel histórico desempenhado pela migração laboral para as minas da África do Sul. As entrevistas, os relatos institucionais e a análise documental convergem no sentido de que os vínculos transfronteiriços estabelecidos ao longo do século XX moldaram de forma duradoura as práticas económicas e culturais do distrito.

A presença da *WitwatersrandNative Labour Association*(WENELA) e, posteriormente, da *TEBA*, estruturou um sistema de mobilidade em que Massinga se tornou um importante polo de captação e circulação de mão de obra. A literatura histórica reforça esse achado: Schutte (1977) demonstra que a WENELA deteve o monopólio do recrutamento até 1965, e estudos do Centro de Estudos Africanos (1977; 2015) detalham como Inhambane tornou-se uma das principais regiões fornecedoras de trabalhadores para as minas do Witwatersrand. As evidências empíricas recolhidas em campo confirmam esse padrão histórico.

Os entrevistados, especialmente os mais idosos, descrevem a migração para a África do Sul como “o caminho natural” para quem buscava melhorar renda e estatuto social. Muitos relataram histórias de familiares que, após longas estadias nas minas, regressavam com dinheiro suficiente para construir casas de alvenaria, adquirir bens duráveis ou investir no pequeno comércio local. Esses retornados — conhecidos como *Madjonidjonis* — tornaram-se figuras centrais na formação de novos hábitos de consumo, reforçando o prestígio associado aos produtos provenientes da África do Sul. Essa influência é coerente com análises de Ferguson (1999) sobre mineiros zambianos e moçambicanos, segundo as quais a experiência migratória gerou aspirações modernas e reconfigurou a relação entre consumo e status.

O campo revelou ainda que o legado da economia migratória ultrapassa o plano económico e adquire forte dimensão simbólica. Consumidores frequentemente associam produtos de origem sul-africana a qualidade superior, durabilidade e prestígio, enquanto consideram bens locais ou nacionais como menos confiáveis ou menos sofisticados. Essa percepção reflete aquilo que Castells (1996) denomina circulação global de significados, na qual os objetos materializam visões de mundo e hierarquias sociais. Em Massinga, a preferência por produtos estrangeiros não deriva apenas de critérios racionais de preço, mas de um conjunto de valores sedimentados historicamente.

Outro dado relevante emergido da pesquisa diz respeito à persistência das remessas enviadas por trabalhadores que continuam a deslocar-se temporariamente à África do Sul. Embora os fluxos formais de recrutamento tenham diminuído, os entrevistados reforçam que, até hoje, a circulação de dinheiro, encomendas e produtos diversos permanece intensa, sobretudo entre famílias com histórico migratório. Esse padrão confirma análises clássicas sobre economias remessas-dependentes em África (Haugerud; Stone; Little, 1991), nas quais o comércio local se torna estruturado em função de capitais provenientes de fora do território.

No plano territorial, esse fenômeno reforça a leitura de Santos (1996) sobre o papel dos fluxos na produção das desigualdades espaciais. A experiência histórica de Massinga demonstra que o território não é apenas um suporte físico, mas um espaço ativo, produzido por práticas e movimentos que se estendem para além das suas fronteiras administrativas. A economia migratória forjou formas específicas de relação com o exterior, promovendo uma dependência estrutural que persiste mesmo em contextos de transformação económica.

A discussão dos dados revela, portanto, que Massinga consolidou ao longo do século XX um modelo de integração subordinada à economia sul-africana, cujos efeitos permanecem presentes nas práticas de consumo contemporâneas. Essa herança histórica desempenha papel crucial na formação de expectativas materiais e simbólicas da população, condiciona a vitalidade do comércio local e define, até hoje, a lógica de circulação de bens dentro e fora do território.

Factores socioeconómicos e culturais que explicam a preferência pelos centros externos (Maxixe e África do Sul)

Os resultados demonstram que a preferência dos consumidores de Massinga por realizar compras em Maxixe e na África do Sul é explicada por um conjunto complexo de factores socioeconómicos, históricos e culturais. Embora a insuficiência da oferta local seja frequentemente

apontada como o motivo imediato, a análise das entrevistas revela que a escolha por centros externos envolve referências identitárias, expectativas simbólicas e uma memória histórica construída a partir da migração laboral transfronteiriça.

Um primeiro aspecto identificado diz respeito à fragilidade da rede comercial local, marcada por preços elevados, irregularidade nos stocks e pouca diversidade de produtos. Muitos consumidores relataram que, apesar da distância, comprar em Maxixe é mais vantajoso no conjunto da economia doméstica. Como explicou uma entrevistada de 43 anos, residente em Rovene: *“Aqui na vila, às vezes o preço sobe de um dia para o outro, e nem sempre encontramos as marcas que queremos. Em Maxixe, com o mesmo dinheiro, trago quase o dobro.”* Essa percepção confirma a instabilidade comercial registada no Perfil Distrital, onde o número de estabelecimentos encerrados supera o dos que se mantêm em atividade.

A entrevista com um comerciante local reforça essa realidade estrutural: *“Nós queremos vender mais barato, mas o transporte é caro, o fornecedor não é regular. Se não for buscar em Maxixe, não temos mercadoria. E mesmo quando vamos, chegamos aqui e o povo acha caro.”* (Comerciante, 36 anos). Essa fala evidencia o ciclo vicioso entre oferta insuficiente, custos elevados e perda de competitividade, elementos amplamente descritos pela geografia económica crítica (Harvey, 1989).

Emergiu de forma consistente nas entrevistas o papel de Maxixe como centro regional hegemónico, onde a diversidade de produtos e a competitividade entre comerciantes conferem maior poder de escolha ao consumidor. Um professor entrevistado sintetizou esse sentimento: *“Maxixe tornou-se o nosso armazém. Tudo o que falta aqui, encontramos lá. E com mais qualidade.”*

A preferência pela África do Sul revela fatores ainda mais profundos, inscritos numa dimensão simbólica e histórica da migração laboral. Muitos entrevistados evocaram a memória dos *Madjonidjonis* como referência para a escolha dos produtos. Um idoso de 67 anos relatou: *“Quando os meus irmãos voltavam da África do Sul, traziam roupas boas, panelas boas, tudo era forte. Até hoje, quando vejo produto do ‘Joanesburgo’, sei que vai durar.”*

Essa associação entre qualidade, prestígio e produtos sul-africanos aparece de forma recorrente nas falas recolhidas. Uma jovem de 28 anos declarou: *“Se for coisa da África do Sul, a gente compra sem medo. Aqui muitas vezes vem coisa fraca.”* Esses testemunhos articulam-se com

a literatura de Ferguson (1999), que demonstra como a experiência migratória contribui para a construção de horizontes de modernidade expressos através de objetos.

A influência da África do Sul também se manifesta em termos de identidade e distinção social. Diversos entrevistados relataram que bens importados funcionam como marcadores de status. Como comentou um estudante de 22 anos: *“Se você compra um sapato da África do Sul, já te olham diferente. Parece que é outra categoria.”* Essa observação dialoga com Castells (1996), que caracteriza o consumo em contextos globalizados como uma prática carregada de significados simbólicos que ultrapassam sua função utilitária.

Observou-se igualmente nos dados importância contínua das remessas e encomendas enviadas por familiares que ainda trabalham na África do Sul. Uma comerciante do mercado de Massinga-Sede afirmou: *“Muitos dos produtos que vendo chegam com os parentes dos clientes. Eles pedem para trazer e depois revendem. É assim que circula muita coisa aqui.”* Esse circuito informal reforça a dependência transfronteiriça e constitui, simultaneamente, um mecanismo de abastecimento e distinção.

No plano económico, há também uma motivação pragmática: a melhor relação preço/qualidade encontrada em centros externos. Um agricultor de 52 anos explicou: *“Eu gasto no chapa para Maxixe, mas quando faço as contas, compensa. Lá compro tudo para o mês. Aqui teria de comprar aos poucos e sai mais caro.”*

Emerge nas entrevistas um elemento cultural que atravessa todas as outras dimensões: a construção de um imaginário de modernidade associado ao “exterior”, especialmente ligado à África do Sul. Um jovem motorista de 30 anos sintetizou essa visão: *“Quando alguém vai à África do Sul, não é só para comprar. É como se estivesse a se atualizar. Volta com coisas novas, modos novos.”*

Essa narrativa confirma o que Haugerud, Stone e Little (1991) observaram em estudos sobre consumo em contextos africanos rurais: a aquisição de bens “de fora” funciona como um instrumento de afirmação identitária e de inserção simbólica num mundo globalizado.

A análise integrada dos dados indica que a preferência pelos centros externos, Maxixe e África do Sul, resulta da articulação entre limitações estruturais do comércio local, maior competitividade e diversidade dos mercados regionais, persistência da economia migratória, circulação de remessas, prestígio simbólico dos produtos estrangeiros e construção cultural de um ideal de modernidade. Esses elementos reforçam a condição de dependência económica do distrito

e evidenciam como as práticas de consumo são moldadas pela interseção entre história, cultura e configuração territorial.

Impactos da dependência regional e transfronteiriça sobre o comércio local e a sustentabilidade económica de Massinga

Os dados analisados revelam que a dependência de Massinga em relação a Maxixe e à África do Sul produz efeitos profundos sobre a vitalidade do comércio local, contribuindo para a estagnação económica, a instabilidade dos estabelecimentos e a contínua evasão de capitais. Essa dependência manifesta-se tanto em dimensões estruturais, como fragilidade das redes de abastecimento, concorrência desigual e baixos níveis de investimento, quanto em dimensões simbólicas, que afetam a percepção de valor e qualidade atribuída aos produtos locais.

Um impacto evidente diz respeito à erosão da capacidade de retenção de capital no território. Como relatou um comerciante de 41 anos: *“O dinheiro daqui não gira aqui. O povo ganha, mas vai logo gastar em Maxixe. E quando alguém viaja para a África do Sul, leva o dinheiro, não deixa nada para circular.”* Essa lógica confirma o que Santos (2000) denomina “vazamento territorial do capital”, no qual regiões periféricas funcionam como zonas de escoamento em vez de polos de acumulação. Os resultados mostram que, para muitos consumidores, realizar compras fora do distrito é percebido como estratégia económica racional, diminuindo ainda mais a circulação de renda local.

Outro efeito significativo refere-se à desvalorização simbólica do comércio local, amplamente mencionada nas entrevistas. Um jovem entrevistado afirmou: *“Às vezes o produto é o mesmo, mas se disserem que vem da África do Sul, todo mundo acredita mais. Se é daqui, já acham fraco.”* Esse tipo de percepção afeta diretamente a competitividade dos comerciantes locais, criando um mercado onde não apenas os preços, mas os sentidos atribuídos aos bens, estão desigualmente distribuídos. Essa hierarquia simbólica reproduz o que Castells (1996) descreve como inserção desigual em redes globais de significação.

A dependência também impacta a sustentabilidade dos estabelecimentos comerciais locais, que enfrentam altos custos operacionais, margens reduzidas e volatilidade de clientes. Muitos comerciantes relataram que a instabilidade do fluxo de consumidores inviabiliza investimentos. Uma comerciante de 29 anos sintetizou essa dificuldade: *“Quando chega fim do mês, quase todo mundo vai para Maxixe. Nessa semana, a vila fica vazia. A gente vende pouco e perde produtos*

perecíveis.” Esse padrão cíclico de perda de clientela cria um ambiente de incerteza, contribuindo para o encerramento de lojas — realidade confirmada no Perfil Distrital, que registra maior número de estabelecimentos fechados do que em funcionamento.

Outro impacto observado nos dados é o desestímulo à diversificação econômica local. A sensação generalizada de que “os bons produtos vêm de fora” inibe o investimento em atividades produtivas domésticas, fortalecendo a percepção de que Massinga é território essencialmente consumidor e não produtor. Um funcionário da administração distrital observou: “*Temos potencial agrícola e artesanal, mas o povo quer sempre o que vem de fora. Isso trava a iniciativa de produzir localmente.*” Em termos teóricos, essa dinâmica corresponde ao que Harvey (1989) chamou de “desigualdade estrutural dos circuitos espaciais de produção e consumo”.

A dependência também afeta diretamente os custos dos bens comercializados em Massinga, já que muitos produtos chegam ao distrito por cadeias informais de transporte ou atravessam múltiplos intermediários até alcançar o consumidor final. Um vendedor ambulante explicou: “*Para trazer as coisas, pagamos chapa, pagamos mala, pagamos descarga. Quando chega aqui, o preço sobe. O cliente acha caro e prefere ir comprar direto em Maxixe.*” Assim, a própria estrutura de circulação contribui para tornar o comércio local menos competitivo, reforçando a tendência à compra externa.

Do ponto de vista socioeconômico mais amplo, identificou-se outro efeito marcante: a dependência das remessas enviadas por migrantes, que, embora fortaleçam temporariamente a renda das famílias, não se traduzem em investimento produtivo local. Pelo contrário, elas alimentam ainda mais o ciclo de consumo externo. Uma entrevistada de 35 anos afirmou: “*Quando meu irmão manda dinheiro da África do Sul, nós esperamos para ir comprar em Maxixe. Ou pedimos para ele mandar coisas de lá.*” Esse padrão confirma o que a literatura africana descreve como “remittance-driven consumption” (Haugerud; Stone; Little, 1991).

Além disso, a pesquisa identificou impactos de ordem territorial e social, como a fragmentação das dinâmicas econômicas internas, já que diferentes zonas do distrito têm acesso desigual aos circuitos regionais de compra. Famílias próximas à EN1 ou com maiores recursos financeiros deslocam-se mais facilmente, enquanto localidades mais distantes dependem quase exclusivamente dos poucos comerciantes locais, ampliando a desigualdade interna no território.

CONCLUSÃO

A análise realizada permitiu compreender que as dinâmicas de consumo em Massinga resultam de um entrelaçamento histórico profundo entre mobilidade laboral, redes familiares transfronteiriças, fragilidade estrutural do comércio local e construção simbólica de prestígio associada ao “exterior”, especialmente à África do Sul. A economia do distrito revela-se marcada pela permanência de fluxos migratórios que, desde o período da WENELA e da TEBA, definiram não apenas trajetórias de trabalho, mas também formas de imaginar qualidade, valor e modernidade. Os entrevistados, ao longo da pesquisa, reiteraram que os produtos provenientes da África do Sul possuem significado que ultrapassa a dimensão utilitária, articulando memórias familiares, distinção social e expectativas de durabilidade que se consolidaram ao longo de várias gerações.

Simultaneamente, os dados evidenciam que a limitada diversidade de bens disponíveis localmente, a instabilidade dos estoques, o elevado custo de transporte, a baixa capacidade de investimento dos comerciantes e o reduzido número de estabelecimentos ativos produzem um ambiente económico frágil, incapaz de competir com centros regionais como Maxixe. Enquanto isso, os fluxos de mercadorias, capitais e significados provenientes da África do Sul reforçam a dependência transfronteiriça e alimentam um padrão de consumo orientado para fora, perpetuando a evasão de renda e enfraquecendo a sustentabilidade do comércio local.

A preferência pela compra externa não se explica apenas por diferenças de preço, mas pela combinação entre racionalidade económica e um conjunto de percepções, expectativas e valores que refletem a historicidade das relações regionais. Assim, Massinga se apresenta como um território cuja condição periférica é continuamente produzida pela articulação entre fatores internos como limitações de infraestrutura e fragilidade da oferta, e fatores externos como maior capacidade de abastecimento dos centros hierarquicamente superiores e a força simbólica dos produtos estrangeiros.

Essas dinâmicas revelam que o consumo no distrito deve ser entendido como expressão de um sistema mais amplo de desigualdades territoriais, onde o comércio local opera sob forte pressão de fluxos regionais e transnacionais. A economia distrital permanece vulnerável porque não controla os circuitos de produção, nem as principais rotas de circulação de bens, assumindo um papel sobretudo receptivo e subordinado. Deste modo, o padrão de consumo predominante constitui simultaneamente causa e consequência da fragilidade económica, reforçando um ciclo no

qual a baixa competitividade local estimula a busca por centros externos e essa procura reduz ainda mais a capacidade de desenvolvimento interno.

A reflexão final que emerge deste estudo é que a sustentabilidade económica de Massinga depende da capacidade de compreender e intervir nesses mecanismos de dependência histórica, económica e simbólica. Romper com a lógica de subordinação regional implica fortalecer o comércio local, diversificar a economia e construir alternativas que valorizem o território como espaço de produção e não apenas de consumo. Para além do diagnóstico, torna-se necessário pensar caminhos que promovam autonomia económica e reduzam assimetrias regionais persistentes.

Pesquisas futuras podem aprofundar a comparação entre Massinga e outros distritos com histórico migratório semelhante, permitindo identificar padrões regionais e especificidades locais. Há também necessidade de estudos que examinem de forma sistemática as redes informais de abastecimento e a circulação de mercadorias trazidas por retornados, dado o impacto significativo que essas práticas têm na economia local. Uma investigação quantitativa que estime o volume financeiro que deixa o distrito devido às compras externas poderia fornecer dados úteis para o planeamento territorial. Além disso, torna-se relevante explorar o papel das juventudes urbanas e rurais nas novas dinâmicas de consumo influenciadas pelas redes sociais e pelo mercado digital, bem como investigar os efeitos das remessas sobre a estrutura económica do distrito e seu potencial (ou limites) para estimular o investimento produtivo. Finalmente, estudos sobre a vocação turística das áreas costeiras, como Linga-Linga, podem oferecer caminhos alternativos para a diversificação económica e o fortalecimento da autonomia territorial de Massinga.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS. **O mineiro moçambicano**: estudo sobre a exportação de mão de obra. Maputo: UEM, 1977.

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS. **O mineiro moçambicano**: um estudo sobre a exportação de mão-de-obra em Inhambane. Maputo: UEM, 2015.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2014.

FERGUSON, James. **Expectations of Modernity: Myths and Meanings of Urban Life on the Zambian Copperbelt**. Berkeley: University of California Press, 1999.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Penso, 2018.

GLOVER, Michael. “‘**Not Wholly Justified**’: The Deferred Pay Interest Fund and Migrant Labour in South Africa's Gold Mining Industry, c.1970–1990”. *Journal of Southern African Studies*, v. 47, n. 4, p. 629–645, 2021.

GOVERNO DO DISTRITO DE MASSINGA. **Relatórios Administrativos e Socioeconômicos** (consultados na pesquisa de campo, 2024–2025).

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2000.

HAUGERUD, Angelique; STONE, Glenn; LITTLE, Peter. **East African Cattle Economies: Consumption, Status and Social Change**. Boulder: WestviewPress, 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). Censo 2007: **Resultados definitivos**. Maputo: INE, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2017.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Administração Estatal. **Perfil do Distrito de Massinga**. Inhambane: MAE, 2005.

MOÇAMBIQUE. **Código Comercial**. Decreto-Lei n.º 2/2005. Maputo: Imprensa Nacional, 2005.

MUHACHA, Benney. **A Wenela em Moçambique**. Sópra Educação, 18 fev. 2021.

MUHACHA, Benney. **O Sul de Moçambique e o Trabalho Migratório**. Sópra Educação, 20 dez. 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHUTTE, Johann. **The Origins of WENELA and TEBA**. Johannesburg: Chamber of Mines, 1977.

STAKE, Robert. **Qualitative Research: Studying How Things Work**. New York: Guilford Press, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.